

HALBWACHS, M; SIMIAND, F. Friedrich Ratzel, Raum und Zeit in Geographie und Geologie. In: DURKHEIM, Émile (Org.). *L'Année Sociologique*, onzième année (1906-1909), pp. 720-723, Paris: Félix Alcan, 1910. 836p.

Tradução de Marquessuel Dantas de Souza¹

O texto "*Friedrich Ratzel, Raum und Zeit in Geographie und Geologie*" (*Friedrich Ratzel: Espaço e Tempo na Geografia e Geologia*), de M. Halbwachs e F. Simiand resgata artigos e notas do último curso professado por Friedrich Ratzel (1904)², no qual tratam da importância e do desenvolvimento progressivo das noções de espaço e de tempo nas ciências do homem, ou seja, do método da geografia, em particular da antropogeografia. Embora apresentada sem algumas passagens dispersas, é interessante reconhecer como suas concepções articulam um sistema de idéias mais geral.

A representação das coisas no espaço é uma necessidade hereditária; mas, contrariamente ao que afirma Kant, ela tem evoluído, daí a importância de observar o sentido desta evolução. O pensamento original representa o espaço como objeto (livre e expandido): "fazer o espaço". De outra parte, é inconcebível o espaço como distinto das coisas, ainda que a extensão de nossas representações espaciais esteja relacionada ao progresso de nosso conhecimento da Terra e do mundo sensível. As descobertas de Colombo e de Copérnico nos conscientizaram sobre a pequenez da Terra e a grandeza do mundo; a medida das distâncias da Terra ao Sol e até das estrelas mais distantes, modificando profundamente nossas concepções geográficas.

O isolamento característico dos povos primitivos limitava também suas concepções espaciais, e isso se explica pelas leis da evolução. Diante de determinadas formas geográficas e da distribuição das regiões, das ilhas, do clima,

¹Graduado em Geografia. Estudante do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte (Geoliterart) da USP. E-mail: marquessuelgf@yahoo.com.br.

²A obra referida é um trabalho póstumo de Ratzel. Estareúne as notas do curso proferido por Ratzel no ano de seu falecimento (1904), depois publicadas em livro, editado por Paul Barth, cuja primeira parte trata do "espaço" e a segunda parte da "exigência do tempo no desenvolvimento da ciência". RATZEL, Friedrich. **Raum und Zeit in Geographie und Geologie**. Naturphilosophisch Betrachtungen. (Herausgegeben von Paul Barth) Leipzig: Johann Ambrosius Barth, 1907. 186p. (Natur - und Kulturphilosophisch Bibliothek; Band IV). (N. T.).

etc., um instinto inexplicável faz com que os animais ou homens parem diante das barreiras que eles não teriam dificuldade em ultrapassar. A ocupação completa da Terra é recente; os primeiros grupos remotos se multiplicaram e estão dispostos numa determinada faixa de ecúmeno, sobre domínios contínuos. Na Europa, a importância da extensão territorial aparece essencialmente do ponto de vista político: aí (mas somente aí) o espaço ocupado e o número de habitantes decidem a potência de um povo.

Há leis que exprimem a influência das condições espaciais sobre o progresso dos povos. A evolução obedece também às forças internas, que podem determinar a extensão do solo ocupado, mas essa ação se mescla com aquelas circunstâncias exteriores. Se a vida está em movimento, e a Terra imóvel; ela desempenha o papel de moldura da evolução histórica. Daí três grandes categorias de “leis espaciais da história”:

1ª) *A lei dos espaços crescentes*. São conhecidos os traços e as delimitações territoriais sucessivas dos antigos e novos povos, dos estados e das cidades. Uma quantidade de feitos mensuráveis permite reconstituir a “série” de povos sobre o solo. Desde pequenos estados antigos até grandes estados modernos. Ora, parece que a origem de uma grande família de povos deva ser procurada nos vastos espaços; a “repressão” de um povo é um sintoma de seu declínio. Uma lei geral da vida, onde certas species encontrem salvação na extensão do espaço que ocupam.

2ª) *A lei da situação (Lagegesetze)*, em particular, *a lei da “separação no espaço”*. A presença, em regiões vizinhas, de species correspondentes (*stellvertretend*), indica que a migração e sua separação no espaço lembra uma condição de sua substância em progresso: seu isolamento permite também fixar melhor suas características por hereditariedade. Esta é uma limitação à lei de seleção natural.

3ª) *A lei geral do movimento dos seres vivos*. Resulta, em parte, do estudo geográfico das relações humanas. Constata-se uma aceleração em qualquer ponto do grande sistema de vias de circulação, que acarreta numa aceleração sobre todas as vias que se ligam (Harmonia dos Verkehrs)³, dominando naturalmente sobre a diversidade das condições e das velocidades anteriores. Esta é, aliás, um aspecto

3

Harmonia das Circulações. (N. T.).

da tendência de movimentos sempre mais rápidos que se encontra em toda a história.

O que é interessante notar aqui, como em outras obras de Ratzel, é seu esforço para alargar e definir os quadros da geografia. A expressão “leis espaciais da história” é sem dúvida criticada; mas Ratzel guarda que, na série dos feitos estudados pelos historiadores, há que se reterem aqueles que têm ligações com a geografia. Trata-se da extensão que ocupam no território, do sentido, da importância e da duração de suas migrações, das formas de seus estabelecimentos. Talvez, a aproximação a este propósito de um método geográfico, similar aqueles dos geólogos ou paleontólogos, se preste a uma confusão; e, mais geralmente, se possa perguntar qual a razão para aplicar a todas estas ciências o nome de ciências históricas, e se reconhecer entre elas um traço comum, na importância de primeira ordem que elas fixam na sucessão e na duração do tempo. Mas é certo que a geografia, e em particular, a antropogeografia, deve ser outra coisa que uma pura descrição, se ela quer explicar cientificamente será necessário ela se submeter à lei comum das ciências, que é fazer abstração na mais larga medida do possível, da contextualização no tempo onde se produzem os fenômenos.

Explicar a gênese de um agrupamento, de um estado, de um país, não é recontar toda a história, mas mostrar a relação com as condições e forças que não são únicas, que se repetem e podem (teoricamente ao menos) se reproduzir. Desse ponto de vista, as questões da origem e da cronologia aparecem como fatos secundários.

O que teria sido bem interessante, mas que ainda é mal sugerido é determinar mais exatamente as características da representação do espaço dos primitivos, e a evolução real desta noção. Eles consideram o espaço infinito, nos diz Ratzel: mas em que este infinito difere daquele que nos tem familiarizado os cosmógrafos e matemáticos? Eles não atribuem ao espaço uma existência distinta da noção de objetos; mas não no mesmo sentido que Leibniz ou Kant, sem dúvida. Há nessa noção primitiva de espaço todo um conjunto de elementos afetivos, que se acham nas primeiras concepções geográficas dos homens, e cujo estudo constituiria todo um capítulo importante de uma psicologia social genética.

Recebido em Maio de 2014.

Publicado em Junho de 2015.